

SÉRIE INVENTÁRIO

IARAGUAÍ, GO

CX 0332 PTOS EOS

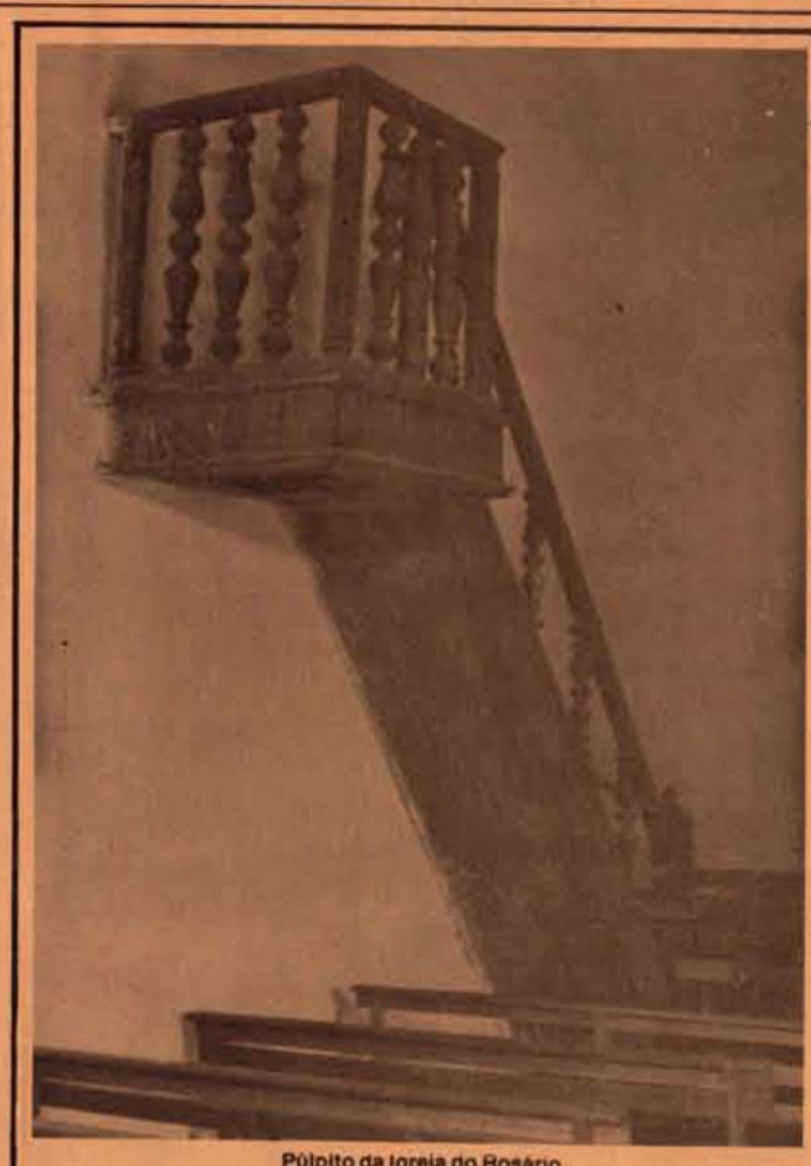
03 FOLHA



Igreja do Rosário



Arquitetura do século XVIII, com a serra de Jaraguá ao fundo



Púlpito da Igreja do Rosário

JARAGUÁ

Igrejas abandonadas, patrimônio esquecido

Da série
Cidades
Históricas
de Goiás

Data de 1737 o descobrimento de Jaraguá, por alguns faiscadores de ouro. Saint-Hilaire descreve-a como uma cidade grande quanto Meia-Ponte (Pirenópolis), porém mais pobre e acanhada na composição de ruas e casas. Ainda por esta época praticava-se muito a mineração de ouro — e a cidade era intensamente povoada. Entretanto, assim como Meia Ponte e Corumbá, cidades sobrepostas ao grande cruzamento viário de Goiás da época, já se assistia em Jaraguá sua conversão à economia agropecuária, peculiaríssima, segundo o prof. Domingos Félix de Souza, estruturada sobre a instituição de currais comunitários e o criatório dos Campos. Como às suas irmãs de Pirenópolis e Corumbá, ao núcleo setecentista jaraguense, substituiu-se a cidade rural do século XIX. Por todo esse século as fazendas de Jaraguá iam-se talhando em domínios bravios: para o sul em direção de Santana das Antas (Anápolis) ao norte rumo Santa do Maxombombo (Uruaçu), e a oeste ao longo da estrada para Vila Boa. Cumpria uma função vanguardista no alargamento do front rural, mas pagava um tributo à extensão territorial dependente do arraial: em vez de acrescentar-se pela conquista, Jaraguá fragmentava-se em novos núcleos de povoamento.

E cada ciclo de expansão imprimia sua marca na paisagem urbana. O último deles, a conquista das regiões do São Patrício, com a colônia agrícola de Ceres e a brava figura de Bernardo Sayão, bandeirante do Século XX, fazendo lembrar a última bandeira da História do Brasil Colonial, aquela de Francisco Soares de Bulhões, ambas saindo, por uma dessas notáveis coincidências da História, com duzentos anos de intervalo, do velho e mesmo arraial de Córrego do Jaraguá. Assim, Jaraguá forma um conjunto heterogêneo dos tempos da história de Goiás, efetuando uma operação de

Texto: Paulo
Bertran



Sobrado do século XVIII



Lateral da Igreja do Rosário



Elegante fachada do século XIX.

transformações econômicas e sociais que faltou, nesse grau de dinamismo, a muitas outras velhas cidades goianas. Jaraguá, morada final de Urbano do Couto, o esotérico inventor de roteiros de ouro, possui ainda alguns monumentos de importância. Alguns casarões e sobrados, suas duas igrejas barrocas — esses velhos repositórios que sob as largas tábuas do soalho guardam as ossadas e os sonhos das gerações que inventaram Goiás. E que o vão devorando, pelo efeito dessa macabra contabilidade de trocas reais e simbólicas que fazem a tecitura da História. Por exemplo, é certo que na década de 1940

Fotos: Paulo Bertran
e Ralf Gesatsky

a estrada de Sayão trouxe riqueza ao município de Jaraguá — mas também é certo que atuou como detonador do processo de intensa mutilação cometida contra seu patrimônio histórico. Todo progresso cria seu próprio débito, é a regra. Mas não é por isso que se vai deltar tudo abaixo com furor iconoclasta, nem mal-cuidar, o que restou, como nas abandonadas igrejas de Jaraguá. É justo, por exemplo, que qualquer cidade, nova ou antiga, se rejubile em ganhar novas agências bancárias, mas nunca à custa de demolições ou deformações de um patrimônio urbano íntegro, fazendo surgir algum prédio estilizada onde antes havia algum solene casarão centenário. Mesmo o Banco do Brasil, com sua política de padronização de agências de péssima arquitetura, vem à frente do mau-exemplo, bem como os ambulatórios do Inamps, bem como a Igreja Católica, como, incompreensivelmente, a própria Secretaria da Educação e Cultura, todos eles, as Prefeituras municipais inclusive violentando alguns dos mais solenes logradouros históricos de Goiás, com seus prédios modernos de tijolo-à-vista e telhado de cimento amianto. Casas velhas, velhas igrejas, o passado inteiro, são valores materiais irremediáveis. Ou se os tem ou não se os tem mais.